

# 3 + 1

Heimat

Daniela Krtsch

14.11.2014 – 10.01.2015

Uma casa é um palco privilegiado para a construção de identidades, um espaço fisicamente habitado, mas também um espaço povoado por memórias – constituindo-se deste modo como um lugar de negociação entre o presente e o passado, a realidade e a imaginação.

Apesar dos seus contornos fixos, uma casa faz-se e desfaz-se repetidamente. É, na verdade, uma estrutura provisória, frágil, e determinada não apenas por matérias mas pelas relações que nela, e com ela, se estabelecem.

A palavra alemã “Heimat” remete para a casa, justamente enquanto espaço físico e habitado, mas também para o sentimento de pertença a um lugar – a um país, a uma cidade, ou a uma comunidade. Assim, “Heimat” implica espaços diferenciados, mas articula ainda uma noção de formação, ou de processo, que convoca temporalidades heterogêneas.

É a partir das próprias possibilidades de significação que “Heimat” incorpora que se materializa a exposição de Daniela Krtsch.

Com efeito, a partir de uma constelação de pinturas – que nos devolvem imagens rarefeitas, incompletas, parcelares –, desdobram-se inúmeras possibilidades de narrativas – igualmente inacabadas, inconclusivas, e sempre mediadas pela própria subjectividade do espectador.

O movimento de circulação do olhar sobre estas pinturas, que se apresentam como revisitações, fragmentos, ou detalhes, configura-se, nesta medida, como um instrumento de sutura, cuja tentativa de recompor um núcleo estável de sentido está, invariavelmente, destinado a falhar. Tal como a memória, esse acto, que é tanto de recuperação como de produção, revela-se sempre insuficiente, em falta, perante um tempo passado.

A house [home\*] is a privileged stage for the construction of identities, a space inhabited physically, but also a space brimming with memories – therefore becoming a place of negotiation between present and past, reality and imagination.

Despite its rigid setting, a house is done and undone repeatedly. It is in fact a temporary, fragile structure, and is determined not only by matter but by the relationships that are established with it and within it. The German word “Heimat”, refers to the house [home\*] precisely as an inhabited physical space, but also to the feeling of belonging to a place – to a country, to a city, or to a community. Therefore, “Heimat” implies different spaces, but also articulates an idea of formation, or of process, that evokes heterogeneous temporalities.

Those possible meanings incorporated by the word “Heimat” are the starting point for the materialization of Daniela Krtsch’s exhibition.

In fact, from a constellation of paintings – that give us rarefied, incomplete and partial images –, many possible narratives unfold – equally unfinished, inconclusive, and always mediated by the viewer’s own subjectivity.

The movement of our eyes over these paintings, that present themselves as reoccurrences, fragments, or details, sets itself, in this manner, as an instrument of suture, and its attempt to re-establish a stable core of meaning, is invariably predestined to fail. Like memory, that act, not only one of recovery but also of production, reveals itself always as insufficient, flawed, when faced with a past time.

# 3 + 1

Esta indefinição inscreve-se nas próprias superfícies da pintura, que assumem diferentes escalas, e cuja textura se define entre a nitidez e a opacidade, revelando linhas que tanto evidenciam presenças como marcam ausências, desaparecimentos, tempos deixados em suspensão.

Nestas fissuras que a imaginação abre na sua relação com o quotidiano, surgem figuras que se desviam para uma dimensão outra, tendencialmente onírica e até surreal, acusando desta forma um *estranhamento* da realidade que cria uma tensão entre o familiar e o desconhecido.

É pois enquanto parte deste processo de estranhamento que podemos distinguir uma criatura que emerge, com um corpo claro, flutuante, e com orelhas de gato, que evoca um imaginário infantil, ainda activo, capaz de contaminar a experiência do presente. Não por acaso, é precisamente a infância que, enquanto tempo formativo, matricial, assinala o início do que virá a constituir-se como “Heimat”.

Com base na sua própria experiência de deslocação, são assim as narrativas que constroem os nossos horizontes de pertença, e que diluem as linhas de demarcação entre realidade e ficção, que Daniela Krtsch pretende questionar nesta exposição.

This lack of definition inscribes itself in the paintings' own surfaces, that take on different scales, and whose texture is defined somewhere between sharpness and opacity, revealing lines that either highlight presences or mark absences, disappearances, moments left hanging.

In these cracks that imagination opens up in the mist of its relation with daily life, characters arise that are diverted to an “other” dimension, tendentially oneiric and even surreal, this way creating a *strangeness* in reality that builds a tension between the familiar and the unknown.

And therefore, it is as part of this process of *strangeness* that we can distinguish a creature that emerges, with a light-coloured body, floating, with cat ears, evoking a childlike world, still active, capable of contaminating the experience of the present. Not by chance, it is precisely childhood that, as a structural formative period, signals the beginning of what will constitute itself as “Heimat”.

Basing itself in the experience of displacement, such are the narratives that built our experiences of belonging, and that dilute the lines that divide reality and fiction, that Daniela Krtsch wants to question with this exhibition.

Giulia Laroni + Margarida Brito Alves  
Novembro 2014

\* up to the authors?